

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

**O PROCESSO ESTÉTICO DE COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM E AS FIGURAÇÕES DO SOCIAL EM *VIDAS SECAS***

Adrielly da Costa Ferreira

Goiânia,

2021.

**ADRIELLY DA COSTA FERREIRA**

**O PROCESSO ESTÉTICO DE COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM E AS FIGURAÇÕES DO SOCIAL *EM VIDAS SECAS***

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Elizete Albina Ferreira

Goiânia,

2021.

**ADRIELLY DA COSTA FERREIRA**

**O PROCESSO ESTÉTICO DE COMPOSIÇÃO DA PERSONAGEM E AS FIGURAÇÕES DO SOCIAL EM *VIDAS SECAS***

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.ª Dr. ª Elizete Albina Ferreira

**Banca Examinadora**

Orientadora: Professora Dr. ª Elizete Albina Ferreira - PUCGO

Professor Leitor: Prof. Dr. Norival Bottos Junior - UFAM

Goiânia,

2021.

**Dedicatória**

Dedico meu trabalho de conclusão de curso a minha família que sempre me apoiou em meus estudos, especialmente, minha mãe, Flávia Donizetti da Costa; minha avó, Maria Aparecida Donizetti da Costa; meu avô, João Luciano da Costa; minha prima, Estephany Costa Silva; minha tia, Luzilene Donizetti da Costa.

Dedico meu TCC a Ana Paula Alves Silva, minha irmã de coração, que ama *Vidas secas*, e ficou muito animada em saber que eu discutiria sobre uma obra tão significativa.

**Agradecimentos**

Agradeço a Deus por guiar meus caminhos durante pelos quatro anos em que estive graduando.

Agradeço a minha família que sempre me apoiou, especialmente, minha mãe que me incentivou a estudar e me ajudou financeiramente quando precisei.

Agradeço à PUC Goiás, pelo programa Bolsa Social, que facilitou no meu processo de formação.

Agradeço à Bolsa Probem da OVG, que me ajudou a concluir a graduação com tranquilidade.

Agradeço aos meus professores do curso de Letras, especialmente, Dra. Elizete Albina Ferreira, Dr. Paulo Antônio Vieira Júnior e Dr. Átila Silva Arruda Teixeira, os quais, por meio de suas aulas, fizeram com que eu me apaixonasse ainda mais pela área da literatura.

Agradeço à proatividade da coordenadora do curso de Letras, Professora Helen Suely Silva Amorim, que sempre esteve disponível para sanar as dúvidas dos graduandos, como também pela sua excelência em ministrar aulas.

Agradeço a minha querida amiga, Ana Paula Alves Silva que sempre me lembrou de minha capacidade e desde o começo acreditou no meu potencial. Agradeço por estar me apoiando em toda essa fase.

Agradeço a compreensão da minha amiga de infância, Milena Maria, que sempre entendeu minhas ausências em decorrência da escrita do TCC. Além disso, foi uma pessoa que sempre me motivou nos meus sonhos e objetivos.

Agradeço a todos os meus colegas do curso de Letras, que trilharam essa jornada comigo, especialmente minhas parceiras de vida, Kellen Morgana Carvalho dos Santos e Yasmin Kimberlyn Camargo dos Reis, que sempre permaneceram ao meu lado durante esses quatro anos.

*O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.*

Stuart Hall

**RESUMO**

Esta pesquisa apresenta a análise do aspecto social da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e os dilemas sociais identificados por meio da personagem Fabiano, a partir do olhar sobre a composição estética da obra, que faz uma abordagem em direção às posições éticas, políticas, religiosas e humanísticas. Por entender que o indivíduo menos favorecido recebe, na literatura de cunho regionalista, tratamento relevante, deixando de ser visto como delinquente, sendo tirado da margem da sociedade e passando a ter um lugar de fala, o presente trabalho foi construído com base em estudos realizados a respeito das personagens, identidade do sujeito e o papel da sociedade nessa dinâmica. A finalidade centra-se em apresentar a problemática de uma personagem que está em condições de miséria, e que representa o sujeito privado de direitos, nesse sentindo, lançou-se mão de referencial pertinente a esta perspectiva, a exemplo de Antonio Candido (1995), Stuart Hall (2006), Anatol Rosenfeld (1976) entre outros. Como desdobramento da pesquisa, apresenta-se como esses problemas ainda são predominantes em nossa sociedade.

**Palavras-chave**: Personagem. Romance. Sociedade.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Figura 1** – Graciliano na Livraria José Olympio................................................ 28

**Figura 1** – *Vidas Secas* – A história por trás do título........................................ 34

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO** .................................................................................................11

**1 O ESTUDO DA PERSONAGEM...................................................................12**

1.1. CONCEITO DE PERSONAGEM...............................................................12

1.2 A PERSONAGEM NO ROMANCE.............................................................16

1.3 A PERSONAGEM E A NOÇÃO DE IDENTIDADE.....................................22

**2 A INFLUÊNCIA DO AUTOR NA OBRA.......................................................27**

2.1 O AUTOR...................................................................................................27

2.2 A OBRA......................................................................................................32

**3 FIGURAÇÃO SOCIAL DA PERSONAGEM .................................................37**

3.1. O ASPECTO SOCIAL DA PERSONAGEM DENTRO DA OBRA.............37

3.1. FABIANO...................................................................................................41

**CONSIDERAÇÕES FINAIS ............................................................................48**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS................................................................50**

**INTRODUÇÃO**

*Vidas secas* é obra que retrata personagens que se assemelham com a realidade. Antonio Candido realiza um estudo sobre as personagens, trazendo um ponto de vista em relação ao processo de composição das personagens, as quais se semelham com a realidade que as circunda. Segundo o crítico literário, as personagens obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico, a um impulso indefinível, ou quaisquer outros estímulos de base, que o autor corporifica, de maneira a levar o leitor a supor uma espécie de arquétipo que, embora nutrido da experiência de vida e da observação, é mais interior do que exterior. Nesse sentido, o autor apresenta a personagem baseada em sua observação das pessoas de seu convívio.

Desse modo, esse trabalho busca analisar o aspecto social presente em *Vidas secas,* e identificar os dilemas socias evidenciados pela personagem Fabiano, que será analisada para comprovar a crítica social feita por Graciliano Ramos. Nesse sentido, com o intuito de fundamentar a pesquisa, foram estudados teóricos que se debruçaram sobre tal problemática. Dentre eles, Beth Brait, que afirma serem as personagens porta-vozes do autor, asseverando que essa visão se baseia numa longa tradição, empenhada em enfrentar essa instância narrativa como a soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador.

Anatol Rosenfeld (1976) salienta, sobre a importância da preparação dos aspectos esquemática da obra, que “a preparação especial de selecionados aspectos esquemáticos é de importância fundamental na obra ficcional - particularmente quando de certo nível estético - já que desta forma é solicitada a imaginação concretizadora do apreciador” (ROSENDELD, 1976, p.14). Em seu estudo, esse crítico ainda aponta para o valor estético da obra ficcional, ao destacar que que é “em plena ‘imediatez’ concreta que o mediado se revela, na individualidade quase-sensível das camadas exteriores e na singularidade das personagens e situações (ROSENFELD, 1976, p.42-43).

Nesse sentido, a compreensão da obra é possível quando o leitor consegue identificar o valor estético da ficção, isto é, uma leitura superficial não permite que o leitor compreenda a obra literária em profundidade. Desse modo, se faz necessário uma observação dos detalhes das personagens, o ambiente e o tempo. Ou seja, quando o leitor consegue acentuar o valor estético da obra entende o verdadeiro objetivo daquela ficção.

Stuart Hall discute sobre a identidade do sujeito, ele afirma que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Em *Vidas secas* será abordado a importância da interação entre os sujeitos para a convivência em sociedade.

Lucien Goldmann (1991) aponta sobre a oposição que existe entre os indivíduos, como também fala sobre a solidariedade, ao destacar que “por sua posição social, ainda que menos culto e dispondo de menos conhecimentos do que os intelectuais burgueses, o proletariado, na sociedade capitalista clássica, é o único que pode, numa situação de conjunto, rejeitar a reificação e devolver a todos os problemas espirituais sua verdadeira característica humana”. (GOLDMANN, 1991, p.8).

Nessa perspectiva, o presente trabalho está dividido em três capítulos, nos quais, respectivamente, procederemos à abordagem teórica sobre a construção da personagem no gênero romance; particularidades acerca de autor e obra, em que serão apresentados aspectos pertinentes ao processo estético de composição do romance regionalista; análise da personagem Fabiano.

**CAPÍTULO 1 – O ESTUDO DA PERSONAGEM**

O capítulo 1 é responsável por apresentar uma abordagem teórica sobre a personagem, ou seja, como que, por meio dos estudos dos textos teóricos, pretende-se tornar possível a identificação de como uma personagem é caracterizada no romance, assim como e entender os tipos de personagens que são utilizados pelos escritores no processo de composição de sua obra.

Os teóricos serão responsáveis pela fundamentação do estudo da personagem, uma vez que serão analisadas diversas perspectivas de composição da obra literária, como exemplo do ponto mais importante na intenção do autor. Desse modo, a personagem será criada de acordo com o objetivo do autor em sua obra.

* 1. CONCEITO DE PERSONAGEM

A personagem é a alma de um romance, ou seja, através da caracterização da personagem é possível compreender o contexto da obra. Assim, a personagem revela a coerência da obra, sem a presença da personagem não há sentido na ficção. Pois, é a personagem que reforça assuntos a serem debatidos e retrata a humanidade. O personagem seria o reflexo do ser humano, ou seja, a construção de um personagem se dá por meio da observação de pessoas, experiencias pessoais do autor ou pode ser uma invenção.

Conforme observado por Anatol Rosenfeld, **“**só com o surgir da personagem tornam-se possíveis orações categorialmente diversas de qualquer enunciado em situações reais ou em textos não-fictícios” (ROSENFELD, 1976, p. 24).

No entanto, vale ressaltar que o autor sempre descreve suas personagens com características limitadas, pois o objetivo principal é abordar uma coerência na sua obra, assim, é preciso que a personagem dialogue com o contexto da obra. Dessa maneira, a precisão dos detalhes da personagem permite com que o leitor construa uma potência imagética. Por isso, o autor limita sua personagem em poucas características, pois assim o leitor a conhece por completa e não gera uma sensação de instabilidade em relação à personagem.

Rosenfeld ressalta que “é, porém, a personagem que com mais nitidez toma patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza” (ROSENFELD, 1976, p. 21).

Com o estudo das personagens inseridas numa obra literária, é possível observar semelhanças com a realidade, assim, pode-se considerar a personagem como um modelo do real. Dessa maneira, quando se compara o fictício com real torna-se possível identificar as semelhanças e diferenças entre uma personagem e o ser real.

A personagem é apenas uma representação do real, ou seja, o que nos permite conhece-las por completo é os detalhes escolhidos pelo autor. Assim, o ser humano é real por ser exatamente como é. O ser humano não possui um manual de instruções, desse modo, a personagem é limitada porque o objetivo do autor é que o leitor compreenda a personagem da forma apresentada. Já o ser humano é impossível conhecer por completo, uma vez que o ser real possui uma variedade de facetas.

Rosenfeld discute que:

as personagens, ao falarem, revelam-se de um modo bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar a sua opinião verdadeira. O próprio disfarce costuma patentear o seu cunho de disfarce. Esta “franqueza” quase total da fala e essa transparência do próprio disfarce (pense-se no aparte teatral) são índices evidentes da onisciência ficcional. (ROSENFELD, 1976, p. 29)

A personagem seria um molde do ser humano pelos olhos do escritor, ou seja, a construção de uma personagem é feita por meio de observações do mundo exterior realizadas pelo escritor. Dessa maneira, a personagem possui algumas características observados no ser humano. O que afastaria desse molde é a complexidade do ser humano, pois o escritor só consegue absorver o superficial de uma pessoa, ou seja, somente aquilo que a pessoa deixa mostrar.

Como foi abordado por Beth Brait:

Nesse sentido, os seres fictícios não mais são vistos como imitação do mundo exterior, mas como projeção da maneira de ser do escritor. E é por meio do estudo dessas criaturas produzidas por seres privilegiados que é possível detectar e estudar algumas particularidades do ser humano ainda não sistematizadas pela Psicologia e pela Sociologia nascentes.” (BRAIT, 1990, p. 38)

No que se refere à personagem, o leitor sabe distinguir o real do fictício, como também entende que a personagem é uma representação da realidade. Ou seja, mesmo não sendo real, a personagem se comunica com a realidade. Por exemplo, há personagens que nos identificamos e essa identificação ocorre por fazermos semelhança com nossa vida real. Existem personagens que nos conecta com a realidade por praticar ações que possivelmente faríamos na vida real. O papel do leitor é entender que a personagem é uma criação do autor, ele pode criar essa personagem por alguma observação dele ou não.

Conforme discutido por Antonio Candido,

a personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2009, p.4)

O crítico faz uma comparação entre o personagem e o ser humano, ele afirma que o personagem é construído com poucas características para que o leitor consiga conhecê-lo por completo. No entanto, ele afirma que não é possível conhecermos o ser humano por completo, pois o homem possui uma variedade de facetas. Rosenfeld define as pessoas reais como seres determinados, cheios de definições, porém apenas algumas definições conseguimos identificar. Por fim, Rosenfeld afirma que os humanos são seres fragmentados e limitados.

Assim, Rosenfeld assegura que

as pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinadas, apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. Isso se refere naturalmente em particular a seres humanos, seres psicofísicos, seres espirituais, que se desenvolvem e atuam. A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada. (ROSENFELD, 1976, p. 32)

O autor da obra literária possui uma grande influência na interpretação do leitor em relação as personagens, pois é por meio das características apresentadas pelo autor conseguimos construir uma imagem da personagem, ou seja, a interpretação que é feito de uma determinada personagem depende da forma que o autor representa a personagem, o ambiente e o tempo. Sendo assim, o autor interfere em nossa interpretação, pois quando se constrói uma obra há uma intenção ou um propósito a ser atingido. Vale lembrar que, há escritores que deixam o leitor ter autonomia a respeito das personagens, por exemplo, Machado de Assis costuma deixar a interpretação em aberto, ou seja, ele provoca uma dúvida no leitor.

Conforme discutido por Rosenfeld:

É precisamente o modo pelo qual o autor dirige o nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento - sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos - ou diretamente através de aspectos da intimidade das personagens- tudo isso de tal modo que também as zonas indeterminadas começam a “funcionar” - é precisamente através de todos esses e outras recursos que o autor toma a personagem até certo ponto de novo inesgotável e insondável. (ROSENFELD, 1976, p.35-36)

Anteriormente, a criação das personagens obedecia a um padrão, visto que era necessária uma semelhança com a realidade. Nesse sentido, quando o personagem deixa de ser um molde do ser humano, a linguagem passa ser a ferramenta mais poderosa para a interpretação da obra. Pois, o leitor costuma associar a obra com a realidade que vive. Isso limita a narrativa, pois a obra não tem obrigação de ser semelhante ao mundo exterior. A personagem é um ser ficcional que possui suas próprias características. Mesmo que o objetivo do autor seja retratar uma realidade, o personagem terá traços distintos do ser humano. Com o rompimento dessa perspectiva, o personagem constrói sua fisionomia própria, não depende mais de uma associação com a realidade.

Beth Brait (1990) discute sobre como a perspectiva formalista influenciou na mudança de concepção da personagem:

Finalmente, no século XX e através da perspectiva dos formalistas, a concepção de personagem se desprende das muletas de suas relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria. Isso significa considerar, a priori, a personagem como um signo e, consequentemente, escolher um ponto de vista que constrói este objeto, integrando-o no interior da mensagem, definida como um “composto” de signos linguísticos. (BRAIT, 1990, p.45)

Dessa maneira, entende-se que a personagem é um componente fundamental para a construção de uma obra literária, visto que, somente o enredo não é capaz de fundamentar uma história. Sendo assim, a personagem comprova a realidade que está sendo contada e, por meio de suas características é possível compreender o contexto da obra.

* 1. . A PERSONAGEM NO ROMANCE

A personagem no romance é composta pensada exclusivamente no leitor, ou seja, o autor busca a aceitação de seu leitor e é por isso que a personagem tem que ser coerente com a obra narrada. Antonio Candido (2009) afirma que a personagem tem uma grande importância para a obra literária, porém se não for inserida no ambiente que se encaixa a obra não terá sentido.

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de ideia aos grandes criadores de personagens. Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, — como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance. (CANDIDO, 2009, p.4)

O que o crítico quis dizer é que o contexto é a parte mais importante da obra, pois a função do autor é criar um personagem que se encaixe no espaço inserido, ou seja, é necessário que a personagem dialogue com o ambiente apresentado na obra.

No entanto, a intepretação que o leitor faz a respeito da personagem no romance é completamente distinta da forma de se ler um ser humano. Assim, o ser humano possui uma variedade de modos-de-ser, sendo assim, não é possível interpretar um ser humano por completo, pois ele é um ser fragmentado. Já a personagem no romance, o leitor pode variar sua interpretação de acordo com as ações da personagem, como também o meio que a personagem está inserida revela mais sobre seus traços, gestos e ações. O leitor vai conhecendo a personagem com o passar da história, por isso o enredo é muito importante para a construção de uma interpretação totalitária de uma personagem.

Conforme discutido por Candido:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2009, p.7)

Assim, a personagem pode ser considerada previsível, uma vez que não possui várias facetas como o ser humano. Quando o autor constrói uma personagem, ele que define o modo de ser dessa personagem, ou seja, ele descreve alguns traços para que o leitor faça sua interpretação. Por isso é mais fácil compreender as ações de uma personagem do que o ser humano, pois a personagem não nos surpreende, porque já conhecemos a personagem.

Candido aponta sobre o romance moderno e sua dificuldade com o ser fictício:

O romance moderno procurou, justamente, aumentar cada vez mais esse sentimento de dificuldade do ser fictício, diminuir a ideia de esquema fixo, de ente delimitado, que decorre do trabalho de seleção do romancista. Isto é possível justamente porque o trabalho de seleção e posterior combinação permite uma decisiva margem de experiência, de maneira a criar o máximo de complexidade, de variedade, com um mínimo de traços psíquicos, de atos e de ideias. A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas. (CANDIDO, 2009, p.8)

Rosenfeld abordou sobre uma teoria da ilusão que, seria a criação de uma realidade, ou seja, a realidade não é apresentada da forma que é no mundo real. No mundo da ficção, o autor cria uma realidade de acordo com a perspectiva que deseja apresentar em sua obra. Porém, a forma como o autor apresenta a personagem se assemelha com a realidade. Assim, a teoria da ilusão trata-se da falsa realidade que tem o objetivo de representação e não descrição.

São as personagens (e o mundo fictício da cena) que “absorveram” as palavras do texto e passam a constitui-las, tornando-se a fonte delas - exatamente como ocorre na realidade. (...) A ficção ou mimesis reveste-se de tal força que se substitui ou superpõe à realidade. É talvez devido à velha teoria da “ilusão” da realidade supostamente citada pela cena, devido, portanto, ao altíssimo vigor da ficção cênica, que não se atribui ao teatro o qualificativo de ficção. (ROSENFELD, 1976, p. 29-30)

No mesmo sentido que Rosenfeld, Candido questiona sobre a composição de uma personagem fictícia:

Mas é justamente aí que surge o problema: de onde parte a invenção? Qual a substância de que são feitas as personagens? Seriam, por exemplo, projeção das limitações, aspirações, frustrações do romancista? Não, porque o princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação, seja por acréscimo, seja por deformação de pequenas sementes sugestivas. O romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos. Ele começa por isolar o indivíduo no grupo e, depois, a paixão no indivíduo. Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso; a necessidade de selecionar afasta dela e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade. (CANDIDO, 2009, p.15)

Candido discute sobre os traços das personagens:

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica preestabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. Todavia, segundo Mauriac, há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida. (CANDIDO, 2009, p.15)

Os traços de uma personagem podem ser justificados por observações feitas pelo autor de pessoas que ele se relaciona, como também pode refletir sobre uma de suas facetas. Nesse sentido, uma obra pode conter características do autor, contudo não é uma regra para escrita de um romance. Pois, ao mesmo tempo que pode ser observações de comportamentos do homem, também pode ser uma criação modificado do modo de ser do autor.

Segundo Candido, a criação da personagem revela algumas oscilações, isto é, ou a personagem é uma descrição completa do real ou apenas uma criação imaginária. Existem personagens que apresentam modos de ser e a aparência física se refere ao real. Assim, isso provoca questionamentos ao leitor, se trata de uma personagem real ou se refere a uma criação imaginária. Contudo, isso só pode ser revelado por alguma informação do autor ou alguma informação comprovada.

Candido abordou em seu texto sobre personagens transpostas de acordo com a realidade, nesse sentido, o autor pode inserir em sua obra seus próprios sentimentos e atitudes sejam elas positivas ou negativas de pessoas observadas ou até mesmo limitações do próprio autor. Quando o autor incorpora sua vivência, isso pode revelar suas ações positivas e também atitudes que não aprova. Neste caso, o autor identifica suas qualidades e defeitos. Suas qualidades e defeitos pode ser trabalhado na construção dos personagens. E quando o autor analisa comportamentos de pessoas que possui um contato direto, ele pode analisar as atitudes e ações desse ser em situações de euforia, estresse, amor etc. Nesse sentido, o autor pode analisar como o ser humano age em determinadas situações, assim, ele cria a personagem baseada naquilo que observou ou pode fazer modificações que acredita ser mais assertiva para o personagem.

Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta, — seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem projetada, em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos. O caso da experiência exterior é o da transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto. (CANDIDO, 2009, p. 18)

Candido aborda sobre os tipos de personagens criados pelos romancistas:

Personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, — por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha.

[...]

Personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo, ou ponto de partida. O trabalho criador desfigura o modelo, que todavia se pode identificar.

[...]

Personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, mas que apenas é um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia, quando não as inventa de maneira que os traços da personagem resultante não poderiam, logicamente, convir ao modelo.

[...]

Personagens construídas em torno de um modelo real dominante, que serve de eixo, ao qual vêm juntar-se outros modelos secundários, tudo refeito e construído pela imaginação.

Personagens elaboradas com fragmentos de vários modelos vivos, sem predominância sensível de uns sobre outros, resultando uma personalidade nova. (CANDIDO, 2009, p. 19-20)

A esse respeito, Brait aborda sobre o sistema em que a obra literária se enquadra:

Essa concepção, que encara a obra como um sistema e possibilita a averiguação da personagem na sua relação com as demais partes da obra, e não mais por referência a elementos exteriores, permite um tratamento particularizado dos entes ficcionais como seres de linguagem, e resulta numa classificação considerada profundamente inovadora naquele momento. (BRAIT, 1990, p.40)

O sistema que a obra encara seria uma análise apenas ficcional, ou seja, a personagem é analisada apenas dentro da obra. Neste caso, o modo de agir da personagem é observado por meio da linguagem. Dessa maneira, o mundo exterior não interfere tanto na interpretação da personagem, mas a forma como se relaciona com o ambiente que está inserido, o tempo abordado e as relações com as demais personagens.

É importante salientar que, a organização da personagem dentro da obra é importante para construção da sua verdade, pois o que nos faz aceitar ou identificar determinado personagem é o seu modo de agir dentro da obra. Desse modo, mesmo que ocorra a verossimilhança, o que constrói sua personalidade e verdade dentro do romance é o que o personagem representa dentro da obra.

Poderíamos, então, dizer que a verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior. (CANDIDO, 2009, p.22)

No que diz respeito à coerência da personagem, o autor deve se atentar a realidade que ele deseja representar. Ou seja, se o autor busca desenvolver um enredo voltado para o romance de época, faz-se necessário construir uma personagem que possui vestimentas, gestos, personalidades e comportamentos de acordo com a época. Nesse sentido, o autor deve criar uma personagem que comunica com o ambiente abordado e que possui uma personalidade de acordo com o contexto indicado na obra.

Portanto, originada ou não da observação, baseada mais ou menos na realidade, a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrosem na composição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, duma existência. “Uma personagem deve ser convencionalizada. Deve, de algum modo, fazer parte do molde, constituir o lineamento do livro”. A convencionalizarão é, basicamente, o trabalho de selecionar os traços, dada a impossibilidade de descrever a totalidade duma existência. (CANDIDO, 2009, p.22)

Candido discute sobre uma mudança de paradigma que aproxima a personagem do ser humano:

Isso posto, podemos ir à frente e verificar que a marcha do romance moderno (do século XVIII ao começo do século XX) foi no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização. Ao fazer isto, nada mais fez do que desenvolver e explorar uma tendência constante do romance de todos os tempos, acentuada no período mencionado, isto é, tratar as personagens de dois modos principais: 1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério. Deste ponto de vista, poderíamos dizer que a revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada. (CANDIDO, 2009, p.9)

A mudança de paradigma que aproxima a personagem com o ser humano seria a criação de um personagem complicado que dialoga com a realidade. Sendo assim, o personagem torna-se complicado quando o leitor possui dificuldade de interpretação da personagem, nesse sentido, o autor intencionalmente constrói um personagem confuso que só pode ser compreendido corretamente de acordo com a análise completa da obra. Dessa maneira, quando se analisa a complexidade do ser humano entende-se que, o ser humano é complicado por ter uma variedade de facetas, por isso possuímos dificuldades em conhecer o homem em sua totalidade. Assim, o personagem se aproxima com o homem e por isso há uma facilidade de identificação com o personagem.

As ‘personagens de costumes’ são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; por meio, em suma, de tudo aquilo que os distingue vistos de fora.

[...]

As ‘personagens de natureza’ são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser, e isto impede que tenham a regularidade dos outros. (CANDIDO, 2009, p.10)

Acerca da distinção entre “personagens planas” (flat characters) e “personagens esféricas” (round characters), Candido pontua:

As personagens planas eram chamadas temperamentos (humours) no século XVII, e são por vezes chamadas tipos, por vezes caricaturas. Na sua forma mais pura, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade; quando há mais de um fator neles, temos o começo de uma curva em direção à esfera.

[...]

As personagens esféricas não são claramente definidas por Forster, mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender. (CANDIDO, 2009, p. 11)

1.3. A PERSONAGEM E A NOÇÃO DE IDENTIDADE

*No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos.*

(CANDIDO, 2009, p.3)

Em relação à personagem, o leitor desenvolve uma adesão afetiva por se identificar com determinada personagem, isso acontece devido ao ambiente que a personagem está inserida ou até mesmo pela realidade representada. Diante disso, o leitor adquire um conhecimento e ao mesmo tempo cria um apego a essa personagem.

O processo de identificação se dá através da descrição que o autor faz sobre a personagem, o contexto representado e a coerência dessa personagem. Quando um autor cria uma personagem, ela é totalmente limitada e o que faz com que identificamos é a forma como essa personagem é apresentada no enredo.

A aparência da realidade não renega o seu caráter de aparência. Não se produzirá, na “verdadeira ficção”, a decepção da mentira ou da fraude. Trata-se de um “verdadeiro ser aparencial” (Julian Marias), baseado na conivência entre autor e leitor. O leitor, parceiro da empresa lúdica, entra no jogo e participa da “não- -seriedade” dos quase-juízos e do “fazer de conta”. (ROSENFELD, 1976, p. 21)

A representação da obra faz com que haja uma conexão do autor e leitor, pois o objetivo da obra é conquistar seu leitor através de temas que, gera uma identificação por parte do leitor. Quando o leitor se identifica com os assuntos apresentados na obra, ele se envolve e constrói um pensamento crítico em relação a ficção. Desse modo, o sucesso de uma obra se dá por meio da aceitação de seu leitor.

Stuart Hall (2006) discute sobre a identidade do sujeito:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nós projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (HALL, 2006, p. 12)

O sujeito pode ser caracterizado como um ser composto por diversas identidades, isso acontece por meio de interações sociais. Todo indivíduo necessita de interações para conseguir viver em sociedade. Neste caso, cada experiência social é responsável pela composição do indivíduo, ou seja, o meio social é importante para a construção de nossa identidade. Os aspectos responsáveis pela a construção de uma identidade são: o contexto, o espaço, a classe social, as interações sociais, a cultura, a religião, a ideologia etc. Dessa forma, o sujeito não possui apenas uma identidade, pois as vivências em sociedade moldam a personalidade do indivíduo. O processo de identificação torna-se problemático quando o sujeito se fragmenta em várias identidades, pois o ser humano é mutável e não é possível manter apenas um posicionamento diante da sociedade. O ser humano muda de acordo com a evolução do mundo, assim, torna-se difícil interpretar um sujeito.

Stuart Hall discute sobre as sociedades da modernidade tardia, afirma:

As sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades -para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. (HALL, 2006, p.17)

Nesse sentido, o sujeito vale daquilo que pode oferecer para a sociedade. A convivência social é voltada para um jogo de interesses. Sendo assim, o indivíduo que não pode oferecer nada a comunidade que está inserido é automaticamente excluído. Não existe acolhimento até mesmo para aqueles que são de mesma origem, nacionalidade e cultura. A sociedade está cada vez mais fria e não existe acolhimento de pessoas que passam por misérias. Dessa maneira, o indivíduo não consegue se identificar a sua região de origem, pois não recebe acolhimento da sua própria terra natal. Aquele sujeito que é rejeitado pela própria comunidade nunca sentirá pertencente de um lugar.

Stuart explica sobre a identidade e a importância da convivência social:

Nenhuma identidade singular - por exemplo, de classe social- podia alinhar todas as diferentes identidades com uma “identidade mestra” única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas.

[...]

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p. 20-21)

Lucien Goldmann (1991) sobre o pensamento, afetividade e comportamento de um sujeito, destaca:

Em última instância, o pensamento, a afetividade e o comportamento de um indivíduo constituem uma unidade coerente e significativa. Mas é necessário acrescentar que quando se trata de indivíduos essa unidade estrutural passa por grande número de mediações cujo sujeito não é, ou o é muito pouco, consciente e, por isso, dificilmente revelável, enquanto que é incontestavelmente mais fácil evidenciar a coerência que rege o comportamento, a afetividade ou a consciência de um grupo social dentro do qual as inúmeras parcelas individuais se anulam mutuamente. (GOLDMANN, 1991, p.1)

Em “O homem cordial”, Sérgio Buarque de Holanda (1995) destaca que o papel do modelo de família patriarcal tende a ser precário, pois luta contra fortes restrições a formação e evolução da sociedade de acordo com alguns conceitos atuais. O autor afirma que a crise de adaptação dos indivíduos ao mecanismo social é sensível no nosso tempo por conta do decisivo triunfo de certas virtudes antifamiliares por excelência, como o são, aquelas que repousam no espírito de iniciativa pessoal e na concorrência entre os cidadãos.

Conforme destacado por Goldmann:

Como o valor de uso, a solidariedade consciente e deliberada entre os homens é relegada ao domínio privado das relações de família ou de amizade; nas relações inter-humanas gerais e notadamente nas econômicas, pelo contrário, a função de uma e de outra tornou-se implícita, obscurecida pelos únicos fatores que fazem agir o egoísmo do Homo-oeconomicus, que administra racionalmente um mundo abstrato e puramente quantitativo de valores de troca. (GOLDMANN, 1991, p.3-4)

Sérgio Buarque de Holanda (1995) afirma que existe uma contribuição brasileira para a civilização da cordialidade, “o homem cordial”, revelando que o brasileiro possui uma hospitalidade e generosidade para com os estrangeiros que nos visitam. Dessa maneira, esse acolhimento do brasileiro com os estrangeiros trata-se de um aspecto do seu caráter, algo que o autor ressalta é que esse tipo de comportamento não se refere as boas maneiras.

Segundo o autor, o homem cordial necessita conviver em sociedade. A vida em sociedade é uma forma de se libertar de si mesmo. De acordo com Holanda (1995), o homem precisa viver nos outros, pois sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo a parcela social.

**CAPÍTULO 2 – A INFLUÊNCIA DO AUTOR NA OBRA**

O capítulo 2 é responsável por apresentar o autor e obra, ou seja, a vida de Graciliano Ramos e como sua obra é composta. Esse capítulo é dividido em dois tópicos: o primeiro tópico corresponde a biografia do autor, nesse sentido, será abordado os momentos marcantes da vida de Graciliano Ramos, seja na sua vida pessoal ou profissional. Já o segundo tópico é a obra, sendo assim, será apresentada a obra Vidas secas e as principais características que fizeram o romance ser tão reconhecido pela literatura.

* 1. . O AUTOR



Figura 1 - Graciliano na Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1947 [Acervo da família].

Graciliano Ramos de Oliveira foi um escritor brasileiro de grande destaque para crítica literária, ele nasceu no dia 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo – AL. Graciliano sempre foi muito inteligente, aprendeu a ler em casa com seus pais e logo desenvolveu um interesse pela leitura de romances. Além disso, Graciliano conhecia diversas línguas e isso se dá pela sua paixão por letras.

Graciliano Ramos publica seu primeiro conto “O Pequeno Pedinte”, aos 11 anos de idade, sua carreira como escritor iniciou cedo. Nesse sentido, Graciliano publicou sonetos na revista carioca O Malho, sob o pseudônimo Feliciano de Olivença, assim, ele passa colaborar em vários jornais publicando sonetos e contos.

O reconhecimento de Graciliano como escritor se concretizou quando ele dá sua primeira entrevista como escritor com 18 anos de idade, dessa maneira, o escritor foi construindo sua carreira literária e ganhou prestígio na cidade que vivia. É evidente que Graciliano escrevia muito bem, por isso ele trabalhou em muitos jornais. Vale ressaltar que, ele também trabalhou como revisor dos jornais cariocas Correio da Manhã, A Tarde e O Século, colaborando simultaneamente para o jornal fluminense Paraíba do Sul e para o Jornal de Alagoas, assinando R.O. (Ramos de Oliveira).

Aos 23 anos de idade, Graciliano casou-se com Maria Augusta de Barros com quem teve quatro filhos: Márcio Ramos, Júnio Ramos, Múcio Ramos e Maria Augusta Ramos. Com a chegada de Maria Augusta, a esposa de Graciliano acabou morrendo por conta das complicações que teve em seu parto. Assim, com a partida de sua esposa, Graciliano entrou em depressão e ficou cinco anos sem publicar seus textos.

Em 1925, Graciliano inicia a escrita de seu primeiro romance “Caetés” e conclui seu romance no ano de 1928. No dia 07 de outubro de 1927, ele é eleito o prefeito de Palmeira dos Índios – AL, ele tomou posse do cargo de prefeito no ano de 1928. Assim, o escritor inicia sua carreira política que não demorou muito tempo, pois ele não gostava de processos burocráticos e por conta disso após dois anos de mandato ele renunciou seu cargo como prefeito.

Em 1928, Graciliano se casa com Heloísa Leite de Medeiros, com quem teve mais quatro filhos: Ricardo de Medeiros Ramos, Roberto de Medeiros Ramos, Luíza de Medeiros Ramos e Clara Medeiros Ramos. No ano de 1930, o escritor muda com sua família para Maceió. E no mesmo ano é nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, no entanto, após um ano ele pede demissão do cargo com o mesmo motivo que fez desistir do cargo de prefeito, os processos burocráticos, ele odiava qualquer trabalho que tinha muita burocracia.

Em 1934, Graciliano publica seu segundo livro “S. Bernardo”, nesse mesmo ano, o seu pai Sebastião Ramos de Oliveira morre. No ano de 1936, Graciliano é preso em Maceió e levado para o Rio de Janeiro. A prisão do Graciliano foi motivada por retaliação política, nesse sentido, o escritor começou a ser procurado por manter amizade com comunistas, ele foi até ameaçado de morte.

Como foi observado por Alfredo Bosi (2017):

Do mesmo realismo clássico de *Infância* é o estofo das *Memórias do Cárcere*, um dos mais tensos depoimentos da nossa época e, por certo, o mais alto da nossa literatura. Graciliano aí narra as vicissitudes de sua prisão política em 1936-37. Mas as *Memórias* não se devem ler só como testemunho histórico. Elas desenvolveram, até certo limite de rigidez, alguns traços do estilo do romancista. Hoje a pesquisa estrutural tem confirmado com a precisão das suas análises o que a crítica mais atenta sempre vira na linguagem de Graciliano: a poupança verbal; a preferência dada aos nomes de coisas e, em consequência, o parco uso do adjetivo; a sintaxe clássica, em oposição ao à-vontade gramatical dos modernistas e, mesmo, dos outros prosadores do Nordeste. (BOSI, 2017, p.432)

No ano de sua prisão, ele publica seu terceiro livro “Angústia”, esse livro recebe o Prêmio Lima Barreto. Graciliano ficou 10 meses presos e só foi libertado no início do ano de 1937. Em 1938, Graciliano publica seu quarto livro “Vidas Secas”, esse livro foi tão importante que assombrou a crítica.

Graciliano foi nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro, com esse cargo ele revolucionou o ensino no Estado, triplicou o número de vagas nas escolas e materiais escolares, ele criou a merenda e realizou a compra de uniformes para os alunos pobres.

Em 1943, Graciliano ´perde sua mãe, Maria Amélia Ramos, ela morreu no dia 04 de setembro. Com a redemocratização e a abertura política em 1945, Graciliano filia-se ao partido comunista, no entanto, ele não se acostumou com o autoritarismo que inteirava no partido comunista. Desse modo, o partido queria que Graciliano realizasse algumas modificações no seu livro “Memórias do Cárcere”, esse livro conta como foi sua experiência durante a prisão. Ou seja, houve uma tentativa de censura no livro de Graciliano. Conforme o próprio escritor disse: “Se eu tiver que submeter meus livros à censura, prefiro deixar de escrever.” Ainda no ano de 1945, Graciliano publicou *Infância*, uma obra autobiográfica.

Graciliano sempre foi engajado politicamente, isso é perceptível pelos dilemas sociais que ele aborda em suas obras. Conforme abordado por Bosi, o escritor trabalha com um realismo crítico, em suas obras, o “herói” é sempre um problema pois não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Ele construía personagens que representavam a opressão e a dor. Graciliano escreveu suas obras num contexto em que a política censurava todo tipo de arte ou posicionamento contrário a ideologia autoritarista da época.

É importante ressaltar que, Graciliano não conseguia inventar histórias, o processo de criação de suas obras e personagens tinha como influencia a observação de pessoas ao seu redor, como também a sua vida pessoal. Como o próprio Graciliano afirma de si mesmo: “Só posso escrever o que sou. E se os personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só.” Desse modo, entende-se que o autor transmitia em suas obras assuntos relacionados a problemas que eram totalmente excluídos pela sociedade. Graciliano revela sua forma de escrita numa carta escrita para sua irmã: “Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso, não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos.”

Conforme discutido por Candido:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espirito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vívidas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e de sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio da sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias de humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever. (CANDIDO, 2006, p.17)

Graciliano Ramos tinha o hábito de consultar dicionários, com o intuito de conhecer o significado de cada palavra que ele buscava utilizar em seus textos. Sendo assim, o escritor sempre tinha uma intenção em cada palavra utilizada nas suas obras. Ou seja, ele procurava inserir as palavras que poderiam dar sentido aquilo que ele buscava transparecer em suas obras.

Em 1952, Graciliano Ramos adoeceu gravemente, ele foi diagnosticado com um câncer no pulmão. Logo, é internado no início de 1953. Infelizmente, no dia 20 de março de 1953, aos 60 anos, ele morre vítima do câncer de pulmão. Dessa maneira, o autor deixa seu legado na literatura com obras regionalistas que foram pesquisadas, estudadas e discutidas até hoje. Vale ressaltar que, algumas obras foram publicadas após a sua morte.

De seu acervo, destacam-se:

Obras publicadas quando o autor ainda era vivo:

* 1933 – Caetés (romance)
* 1934 – São Bernardo (romance)
* 1936 – Angústia (romance)
* 1938 – Vidas secas (romance)
* 1939 – A terra dos meninos pelados (infantil)
* 1942 – Brandão entre o mar e o amor (romance em parceria com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado)
* 1944 – Histórias de Alexandre (infantil)
* 1945 – Infância (memórias)
* 1945 – Dois dedos (contos)
* 1946 – Histórias incompletas (contos)
* 1947 – Insônia (contos)

Obras póstumas (Publicações realizadas após a sua morte):

* 1953 – Memórias do cárcere (memórias)
* 1954 – Viagem (crônicas)
* 1962 – Linhas tortas (crônicas)
* 1962 – Alexandre e outros heróis (infantil)
* 1962 – Viventes das Alagoas (crônicas, ensaios e textos ficcionais)
* 1980 – Cartas (correspondência)
* 1992 – Cartas de amor a Heloísa (correspondência)
* 2012 – Garranchos (crônicas, artigos, discursos e textos inéditos)
* 2014 – Cangaços (crônicas e outros textos inéditos)
* 2014 – Conversas (entrevistas)

2.2 A OBRA

*Vidas secas* é uma obra regionalista, isto é, está ligado às particularidades de grupos sociais em suas diferentes regiões. Nesse sentido, condiz com uma tomada de consciência dos valores específicos da cultura brasileira. A obra regionalista é caracterizada por apresentar grupos sociais de cada região do Brasil, como também aborda o clima, os costumes, as gírias como representantes fortes e marcas nos textos. Dessa maneira, é possível entender que os autores buscavam fixar a cultura de uma região, com o intuito de criar marcas da região, seja a partir da linguagem, seja a partir dos costumes.

*Vidas secas* é um romance regionalista que foi publicado em 1938, essa obra trata-se de experiências vividas pelo autor. O romance conta a história de uma família de retirantes que viajam em busca de uma moradia fixa, é uma família que vive em condições de miséria. A obra é composta pelos seguintes personagens: Fabiano, Sinhá Vitória, O menino mais novo, O menino mais velho e a Baleia. Inicialmente, a intenção de Graciliano Ramos era escrever um livro de contos, assim, os capítulos do romance não obedecem a uma ordem de escrita. Desse modo, o título de sua obra era “O mundo coberto de penas”, porém esse título poderia dividir opiniões entre os leitores e assim fugiria de sua ideia principal ao compor essa obra.



Figura 2 - *Vidas Secas* – A história por trás do título – Blog da BBM (usp.br)

*Vidas secas* é uma obra muito significativa, pois apresenta dilemas sociais que muitas vezes são esquecidos pela sociedade. Assim, o título *Vidas secas* se encaixa perfeitamente com o objetivo do autor, pois revela a história de uma família que vive seca de direitos. A obra provoca no leitor uma certa angústia por narrar a história de uma família injustiçada que vive em busca de algo melhor, mas isso é distante da realidade que os personagens estão inseridos.

Conforme estudado por Candido:

Vidas secas (para alguns a obra-prima do autor) pertence a um gênero intermediário entre romance e livro de contos, e o estudo da sua estrutura esclarece melhor o pouco êxito de Graciliano neste gênero. Com efeito, é constituído por cenas e episódios mais ou menos isolados, alguns dos quais foram efetivamente publicados como contos; mas são na maior parte por tal forma solidários, que só no contexto adquirem sentido pleno. Quando se aproxima das técnicas do conto, Graciliano cria “histórias incompletas”, subordinadas a um pensamento unificador, que pôde aqui reunir sem violência sob o nome de romance embora, na qualificação excelente de Rubem Braga, “romance desmontável”. (CANDIDO, 2006, p.63)

*Vidas Secas* é apresentado pelo autor com um enredo voltado para a miséria do sertão, nesse sentido, ele constrói personagens que se encaixam com o contexto representado. Sendo assim, o espaço geográfico dialoga com as características físicas e psicológicas de cada personagem. No aspecto físico, percebemos personagens com pele e cabelo danificado por causa do sol. Já no aspecto psicológico, identificamos em Fabiano um comportamento grosseiro, bruto e possui grande dificuldade em se expressar. A miséria vivenciada pela família de Fabiano mostra que a luta deles eram apenas por sobrevivência. Ou seja, o estado físico de Fabiano e suas ações concordam com o espaço abordado na narrativa.

Em Vidas Secas, o narrador é em terceira pessoa. Neste romance, o narrador é muito importante para a compreensão da obra e também para a reflexão do leitor. A forma que ele narra faz com que identificamos a crítica social apresentada na obra, o narrador é responsável por nos apresentar a obra. Pois, ele tem uma visão total de todos os ângulos da história e das personagens.

Rosenfeld destaca sobre a importância da seleção de palavras para o aspecto imagético da obra regionalista:

Contudo, a preparação especial de selecionados aspectos esquemáticos é de importância fundamental na obra ficcional - particularmente quando de certo nível estético - já que desta forma é solicitada a imaginação concretizadora do apreciador. Tais aspectos esquemáticos, ligados à seleção cuidadosa e precisa da palavra certa com suas conotações peculiares, podem referir-se à aparência física ou aos processos psíquicos de um objeto ou personagem (ou de ambientes ou pessoas históricas etc.), podem salientar momentos visuais, táteis, auditivos etc.” (ROSENFELD, 1976, p.14)

No romance *“Vidas secas”*, o autor constrói um ambiente voltado para a miséria no sertão, assim, ele apresenta uma linguagem característica daquela região. Como também, ele aborda temas como a fome, a seca e a exclusão social. Dessa forma, o leitor consegue adquirir uma imaginação a respeito desta obra. A linguagem dos personagens é essencial para a construção da obra, pois revela a condição daqueles personagens.

O romance possui um tempo psicológico em detrimento do cronológico, obra é dividida em 13 capítulos, sendo eles:

* Capítulo I – Mudança
* Capítulo II – Fabiano
* Capítulo III – Cadeia
* Capítulo IV – Sinhá Vitória
* Capítulo V – O Menino Mais Novo
* Capítulo VI - O Menino Mais Velho
* Capítulo VII – Inverno
* Capítulo VIII – Festa
* Capítulo IX – Baleia
* Capítulo X – Contas
* Capítulo XI – Soldado Amarelo
* Capítulo XII – Mundo coberto de penas
* Capítulo XIII – Fuga

*Vidas secas* é uma obra construída num período onde predominava o autoritarismo, assim, abordar temas como miséria, seca, fome e exclusão social era algo que assombrou a crítica, Graciliano revela sua preocupação com uma parcela de indivíduos que é totalmente excluído da sociedade. É uma obra tão universal que é válida até hoje, existem tantos Fabianos pelo o mundo. Dessa maneira, Graciliano aborda uma região brasileira que é esquecida e vítima de ataques xenofóbicos. Com o enredo, ambiente e construção de personagens pode-se conhecer um pouco sobre a cultura nordestina e os grupos sociais que corresponde o Nordeste. Além disso, o leitor consegue compreender melhor sobre os principais danos causados pela seca no sertão.

Bosi discute sobre o roteiro de *Vidas secas*:

O roteiro do autor de Vidas secas norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo. Escrevendo sob o signo dialético por excelência do conflito, Graciliano não compôs um ciclo, um todo fechado sobre um ou outro polo da existência (eu/mundo), mas uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espirito pronto à indignação, à fratura, ao problema. (BOSI, 2017, p. 429)

Nesse sentido, o romance foi muito importante por apresentar uma crítica à sociedade, visando aspectos esquecidos e direitos negligenciados. A obra consegue envolver o leitor e gera um impacto diante de uma realidade que ainda prevalece. A obra vai discutir temas que são atuais no mundo atual. A obra como um todo é composta por um enredo que condiz com uma realidade representada: o sertão nordestino.

**CAPÍTULO 3 – A FIGURAÇÃO SOCIAL DA PERSONAGEM**

O capítulo 3 é responsável por abordar o aspecto social da personagem e a análise da personagem Fabiano como um todo, visando suas características físicas e psicológicas com o intuito de alcançar o objetivo da pesquisa, isto é, entender a importância da personagem Fabiano para a construção de sentido do romance.

3.1. O ASPECTO SOCIAL DA PERSONAGEM DENTRO DA OBRA

*Vidas secas* é um romance que se contextualiza de acordo com o enredo e a composição de suas personagens. Graciliano foi perspicaz ao construir personagens com poucas características, pois dessa forma só é possível compreender a personagem por meio do contexto abordado no romance. Antônio Candido assegura a necessidade de uma simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. Desse modo, o autor cria uma personagem de forma simplificada, pois é fácil para o leitor conhecer essa personagem. A decisão de escolher poucas características para um determinado personagem evita que o leitor fique confuso. Esses pequenos gestos apresentados pelo personagem e o ambiente abordado na obra é suficiente para o leitor conhecer a personagem na sua totalidade.

Em *Vidas secas*, é abordado uma personagem que representa um grupo social totalmente excluído da sociedade, Fabiano é um nordestino que se encontra em condições de miséria, fome e falta de moradia fixa. É um viajante que está em busca de um lugar onde pode se instalar, trabalhar e sustentar sua família. É um personagem que era acostumado com o trabalho bruto, pois era algo constituído de sua realidade. A obra aborda personagens que condiz com o contexto apresentado, Graciliano estabelece uma coerência entre os personagens e o ambiente do romance.

O romance constrói a imagem de um homem que é animalizado e uma cadela que é humanizada, como também os filhos que não possuem nomes. Dessa forma, Graciliano Ramos aponta uma variedade de dilemas sociais que muitas vezes são ignorados, neste caso, temos uma personagem que passa por diversas injustiças somente por não atender o padrão exigido pela sociedade. Como foi discutido por Stuart Hall, as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades -para os indivíduos. A obra faz uma crítica à sociedade que negligencia direitos que a constituição assegura a todos os cidadãos.

*Vidas secas* discute uma temática social muito importante, o romance revela temas que podem ser considerados tabus para a sociedade, pois alguns cidadãos fingem que esses problemas sociais não existem, até mesmo o Estado os ignora. Cabe ao governo garantir os direitos necessários para uma boa convivência em sociedade. No romance, a situação é tão séria que, o indivíduo não tem consciência que possui direitos e que isso deve ser garantido pelo governo. Graciliano Ramos revela em sua obra temas como, a seca no sertão, a fome, a miséria, a exploração, a falta de moradia fixa e uma condição precária de trabalho.

Sérgio Buarque de Holanda (1995) aborda em seu texto sobre a transformação que houve no tratamento de empregador e empregado, ele utiliza um pensamento de um sociólogo norte-americano. Segundo ele, o que mudou foi que a relação humana desapareceu, ou seja, ocorreu uma separação entre o empregador e empregado. Anteriormente, o mestre e seu aprendiz trabalhavam na mesma sala e utilizavam os mesmos instrumentos. Nesse sentido, não existia autoridades intermediárias, ou seja, as relações de empregador e empregado eram pessoais e diretas. Com o mercado de trabalho atual, existe uma hierarquia de funcionários e autoridades representados por um diretor-geral. Nesse caso, o empregado não possui um contado direto com seu chefe. As relações ficaram estreitas e não é possível ter contato com o empregador, somente com um supervisor, coordenador e diretor.

É perceptível esse distanciamento entre o empregado e o empregado na obra, as condições de trabalho oferecidas a Fabiano eram precárias e o seu patrão o enganava. Pela falta de consciência de seus direitos, Fabiano era facilmente enganado, e sua relação com o seu empregador era muito distante, existia uma hierarquia, o seu chefe era o superior que poderia humilhar o funcionário sem nenhuma restrição e o empregado era o sujeito que tinha que aguentar toda humilhação, pois necessitava do emprego para viver e também era permitido ele ter um lar enquanto estivesse trabalhando naquela fazenda.

Graciliano descreve o patrão como um sujeito autoritário:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. (RAMOS, 1938, p.21)

Graciliano construiu a imagem do patrão como um homem seco: “Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru. (Ramos, 1938, p.23).” Dessa maneira, além do sujeito está inserido num lugar que predominava a seca, ele convivia com pessoas que só o retribuía com insultos, aspereza e ignorância. Ou seja, existia uma secura de direitos, como também uma secura de empatia e acolhimento com o próximo.

A obra denuncia uma sociedade que rejeita acolhimento aos indivíduos da sua própria nação, Holanda revela que o brasileiro possui uma hospitalidade e generosidade para com os estrangeiros que nos visitam. Dessa maneira, esse acolhimento do brasileiro com os estrangeiros trata-se de um aspecto do seu caráter, algo que o autor ressalta é que esse tipo de comportamento não se refere as boas maneiras. Assim, é notório que, esse acolhimento discutido por Sérgio Buarque de Holanda só atinge uma parcela da população. Segundo o autor, o homem cordial necessita conviver em sociedade. A vida em sociedade é uma forma de se libertar de si mesmo. De acordo com Holanda, o homem precisa viver nos outros, pois sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo a parcela social.

O romance retrata uma realidade vivenciada por muitos “Fabianos” espalhados pelo mundo, Graciliano abordou a região nordestina que enfrenta problemas com a seca, sendo assim, o leitor consegue associar com diversos grupos sociais que passam por esses tipos de problemas. O autor especifica ao tratar a região do Nordeste, assim, Graciliano Ramos faz uma crítica social ao governante que não presta assistência aqueles que estão passando necessidades.

Graciliano é um escritor que atribui em seus textos jogos de palavras, ou seja, cada palavra utilizada possui uma intenção por parte do autor. No romance. Graciliano utilizou alguns termos técnicos para representar a seca do sertão, como “Brabeza” que é um termo técnico para o mundo do vaqueiro. No entanto, o termo brabeza pode ser definido como um boi selvagem que vive no meio do mato.

O romance aponta alguns hábitos que revelam um significado importante para a temática abordada em Vidas secas, como acender uma fogueira quando encontram uma moradia para se instalarem. Para o Fabiano, não era apenas um ato sem sentido, assim, quando uma pessoa deseja se instalar num lugar, ela marca o terreno. Nesse sentido, é com o fogo, pois o objetivo de acender uma fogueira seria para se aquecer ou para fazer uma comida, contudo, eles estão no sertão. Desse modo, o significado de acender a fogueira é tomar posse do lugar.

*Vidas secas* revela a situação de Fabiano, um sujeito que sofre com a opressão. Fabiano é um homem considerado sem-terra, comparado a um nômade. Fabiano é uma personagem que sofre uma opressão do homem por meio das relações de poder, ou seja, é um sujeito insignificante para a sociedade. Assim, Graciliano realizou uma crítica a sociedade e também aos governantes que simplesmente não assegura os direitos de Fabiano. A sociedade preza aquilo que o indivíduo possa oferecer, isto é, um jogo de troca.

Como foi discutido por Goldmann:

Isto é o fenômeno social fundamental da sociedade capitalista: a transformação das relações humanas qualitativas em atributo quantitativo das coisas inertes, a manifestação do trabalho social necessário empregado para produzir certos bens como valor, como qualidade objetiva desses bens; a reificação que consequentemente se estende progressivamente ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo. (GOLDMANN, 1991, p.4)

Nesse sentido, o Fabiano representa um homem que passa por uma desigualdade social e a sociedade está tão focada em resultados e capitais que simplesmente não se importam com a realidade das minorias. Ou seja, essa obra reforça como a sociedade está fria em relação ao próximo. Assim, é como se a sociedade falasse: “se o seu problema não me atinge, não tem motivo para me preocupar.”

Hall explica sobre a noção de sujeito sociológico:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com” outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11)

Dessa maneira, Stuart Hall ressalta a importância da interação social, ou seja, o indivíduo não consegue se estabelecer em sociedade sem a interação com outros indivíduos. A problemática de *Vidas secas* é um personagem que não possui interação com outros indivíduos, e quando isso acontece ele não é compreendido. O romance aborda a principal consequência de um indivíduo que não consegue se estabelecer em sociedade.

3.2. FABIANO

A personagem Fabiano é responsável por intensificar os dilemas sociais levantados por Graciliano Ramos, ele é um personagem que dá voz para todos aqueles indivíduos que se encontram numa mazela social em que é expulso de sua própria comunidade. Fabiano é um homem nordestino, bruto e possui um jeito áspero de tratar as pessoas.

Graciliano o caracteriza da seguinte forma:

“Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça.” (RAMOS, 1938, p.7-8)

Assim, a dureza do comportamento de Fabiano é justificada por conta de sua vida sofrida, ele passou por muitos momentos críticos durante a seca no sertão. O romance tinha um aspecto interessante a se analisar: o uso do tempo condicional, ou seja, a imaginação de várias situações futuras. O início do romance começa com a família de Fabiano viajando pelo sertão nordestino em busca de um lugar para se instalar, eles passaram fome e mesmo assim nutriam a imaginação de um futuro sem aquele sofrimento, era uma forma de manter a esperança.

Fabiano e sua família vivenciaram situações críticas, sentiram fome, fraqueza:

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinha Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava. (RAMOS, 1938, p.12)

É notório que, diante da situação vivenciada por Fabiano e a sinha Vitória, mesmo que sempre mantiveram a esperança, a secura da vida estava amedrontando-os. Fabiano acreditava que conseguiria trabalhar numa fazenda e viveria bem junto com sua família.

Conforme descrito na obra:

A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde. A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo. (RAMOS, 1938, p.13-14)

A situação em que Fabiano e sua família vivia, fazia-o acreditar que era um animal, um sujeito totalmente excluído da sociedade. Como foi descrito no romance:

era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outro. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. – Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer as dificuldades. (RAMOS, 1938, p.16-17)

Fabiano acreditava ser um bicho, pois estava abandonado. Ou seja, ele teria que passar por aquele sofrimento sozinho, já que não recebia ajuda da sai comunidade. Para a sociedade, é como se o Fabiano não existisse, isso só reforça o quanto as minorias são tratadas pelo mundo atual. Vidas secas é um romance publicado no ano de 1938 e, mesmo assim, continua sendo tão atual.

Fabiano é um sujeito que desde sempre teve que trabalhar duro para se sustentar e, assim, não foi possível frequentar uma escola. Ele acreditava que não era necessário que seus filhos frequentassem uma instituição de ensino, pois ele queria que seus filhos seguissem seus caminhos: trabalhar como vaqueiro e cuidar de uma fazenda. Já a sua esposa, a sinha Vitória, queria que os filhos estudassem, Fabiano era um sujeito ignorante que pensava que quanto mais os filhos aprendessem, necessitariam aprender mais e, nunca estariam satisfeitos.

Fabiano tinha uma admiração pelo seu Tomás da bolandeira, mas acreditava que ele era o mais “arrasado” do sertão por ler demais:

“— Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado. (RAMOS, 1938, p.20)

Fabiano admirava a sabedoria de seu Tomás da bolandeira, inclusive, ele gostava das palavras difíceis que seu Tomás utilizava. Fabiano até o imitava, conforme descrito na obra: “Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.” (RAMOS, 1938, p.21)

Fabiano não conseguia se comunicar, ele não tinha o domínio de uma linguagem. A intenção de Graciliano na composição de uma personagem que não possui o domínio da linguagem é afirmar que se trata de um sujeito que é privado da palavra, ou seja, Fabiano é uma personagem que não tem direito da palavra. A linguagem é mundo. Se eu não entendo a linguagem, não entendo o mundo.

Em *Vidas secas*, a personagem Fabiano não conseguiu conviver em sociedade por conta da falta de linguagem e o resultado disso foi sua exclusão social. Era como se ele não existisse, assim, se não conseguirmos nos adaptar a sociedade provavelmente seremos excluídos. Como o Fabiano poderia viver nos outros se ele era excluído pela própria comunidade? Ou seja, viver numa sociedade requer uma adaptação com o meio. O problema da vida em sociedade é como os indivíduos “diferentes” da maioria são tratados. Quando não tem nada a oferecer, o indivíduo torna-se inútil, passando a ser tratado em sociedade como um objeto e, quando não há mais utilidade, é descartado.

A falta de linguagem do Fabiano o impediu de se defender da prisão, ele não sabia o motivo pelo qual estava sendo preso. Nesse sentido, é perceptível um abuso de autoridade ao prender um sujeito que não havia cometido algum delito. Como foi descrito no romance:

Então por que um sem vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi ofereciam consolações: — “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.” Ele, Fabiano, um bruto, não contava nada. Só queria voltar para junto de sinha Vitória, deitar-se na cama de varas. Por que vinham bulir com um home que só queria descansar? Deviam bulir com os outros. (RAMOS, 1938, p.31)

No romance, é descrito como Fabiano se sentiu após aquela grande injustiça que estava vivendo:

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais — aproveitara um casco da fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 1938, p.33)

Fabiano é uma personagem que representa uma grande metáfora, isto é, ele representa todo individuo espalhado pelo mundo que, não possui o direito de fala, como também sujeitos que são rejeitados pela própria comunidade. Nesse sentido, o sujeito que não consegue se expressar é ignorado pelo mundo.

Stuart Hall (2006), ao discutir a questão da identidade social em contraposição à individual, corrobora para a ideia que defendemos de a personagem Fabiano ser entendida como “metáfora” de uma conjuntura social de exclusão.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “‘interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2006, p.11-12)

Fabiano é uma personagem que reflete uma realidade de sujeitos excluídos pela sociedade, indivíduos que não possuem direitos e, muitas vezes não são reconhecidos como cidadãos. *Vidas secas* simboliza uma minoria que vive numa secura de direitos e secura de empatia.

A esse respeito, Hall (2006) aponta para o caráter discriminador que permeia as relações sociais quanto da categorização dos indivíduos como pertencentes a uma ou outra classe.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2006, p.21)

Entende-se que se trata de um sujeito sem escolarização:

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (RAMOS, 1938, p.33-34)

Conforme abordado por Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, o Fabiano foi empregado como um bruto que não sabia se expressar. Nesse sentido, é negado o direito de cidadania a Fabiano, assim, ele representa vários sujeitos que estão estabelecidos no sertão nordestino e que, o acesso à educação, à moradia, à saúde é negado. As condições trabalhistas continuam precárias, pois o indivíduo que vive em condições de miséria aceita qualquer salário, mesmo que não seja compatível com sua função. Pois, o objetivo é sustentar a família.

Graciliano ressalta sobre essa ausência de fala do Fabiano:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 1938, p.34)

É evidente no romance um sentimento de inferioridade por parte de Fabiano, isso reflete em algumas situações em que ele afirma ser um bicho e que gente como ele nasceu apenas para cuidar de animais. A forma como as pessoas o tratava revela esse sentimento nele, isto é, Fabiano era tratado com brutalidade e isso refletia em seu comportamento diante das pessoas que o cercavam. Fabiano nunca foi tratado com afeto, por isso ele tinha dificuldade em demonstrar sentimentos com a família, isto é, ele não sabia demonstrar sentimentos porque ninguém nunca o tratou dessa forma.

Conforme abordado no romance:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinha cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. (RAMOS, 1938, p.74)

Além disso, por conta da falta de conhecimento, Fabiano sempre desconfiava de todos. Acreditava que todos o enganavam, no entanto, é válido o pensamento de Fabiano pois seria muito fácil enganar um indivíduo que não consegue contestar os seus direitos. Analisando a Sinha Terta, uma mulher que conseguia se expressar, Fabiano fez uma breve reflexão: “Muito bom uma criatura ser assim, ter recurso para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria mais naquele estado.” (RAMOS, 1938, p.95)

Fabiano se convenceu de que aquele era seu destino, trabalhar para os outros:

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. (RAMOS, 1938, p.93)

Ao refletir sobre essa passagem, entende-se que, sujeitos que passam por situações como a de Fabiano, não acreditam que possa melhorar. A própria sociedade reafirma isso para eles, então, o indivíduo apenas conforma com sua vida miserável e acredita que aquilo faz parte de seu destino. Como foi descrito no romance: “Se ao menos pudesse recordar-se de fatos agradáveis, a vida não seria inteiramente má.” (RAMOS, 1938, p.96)

*Vidas secas* é uma obra que indica um ciclo vicioso de uma família que está fugindo da seca do sertão, o romance se inicia com Fabiano e sua família viajando em busca de uma moradia e finaliza com eles fugindo daquele sofrimento que seria a seca no sertão. Conforme mencionado na obra: “Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria mandar gente para lá. O sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos.” (RAMOS, 1938, p.124)

Dessa maneira, entende-se que, Fabiano e sinha Vitória e os dois meninos só queriam uma moradia fixa. O sofrimento da seca fazia com que eles vivessem como nômades e, isso os levavam a viajar sem destino e esperar a sorte de encontrar uma fazenda para se instalarem. Graciliano Ramos fez uma denúncia social ao publicar esse romance, o autor desperta no leitor um senso crítico ao apontar uma realidade que ainda persiste no mundo atual.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme observado por Antonio Candido (1995), a literatura é responsável pela humanização do homem, assim como confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, ou seja, ela aponta os problemas sociais. Sendo assim, a composição estética faz uma abordagem que aponta para posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. Nesse sentido, o indivíduo menos favorecido passa a receber, na literatura, tratamento relevante, deixando de ser visto como delinquente, sendo tirado da margem da sociedade e passando a ter um lugar de fala.

A escolha de *Vidas secas*, quarto e último romance de Graciliano Ramos, publicado integralmente em 1939, como material de análise, fez-se com o objetivo de refletir acerca do modo como o autor incorporou o teor de crítica aos dilemas sociais vivenciados pelas personagens, e a busca pela constituição de suas identidades. Os objetivos pretendidos com essa pesquisa foram alcançados por meio dos textos teóricos, a análise da obra e os aspectos sociais identificados através da personagem Fabiano. Desse modo, foi possível compreender o processo de composição das personagens e como a Fabiano representa a metáfora que revela os dilemas socias enfrentados por diversos sujeitos que são excluídos da sociedade.

As hipóteses levantadas acerca da crítica social na construção da personagem foram confirmadas através da leitura e releitura do romance, como também pelo estudo dos textos teóricos a respeito do conceito de personagem, os tipos de personagens encontrados na ficção, a semelhança de um personagem com o ser humano, a literatura em sociedade e a identidade do sujeito.

A análise do aspecto físico e psicológico de Fabiano foi importante para entender a intenção de Graciliano Ramos ao criar um personagem tão complexo como Fabiano, um indivíduo que é privado de direitos e é ignorado como cidadão. Graciliano constrói uma personagem que representa um grupo social que não possui direitos como cidadão. Dessa maneira, provoca no leitor uma angústia ao ler esse romance, pois é uma obra que aborda uma temática ainda presente na sociedade.

A análise da obra focou no elemento sociológico do romance e isso foi identificado através do estudo da personagem Fabiano, representante de um grupo social excluído da sociedade. *Vidas secas* é obra significativa, pois relata dilemas sociais por meio da personagem Fabiano, evidenciando que o indivíduo desprovido da capacidade da linguagem é automaticamente excluído de seu meio. Nesse sentido, Stuart Hall reflete sobre esse caráter de desagregação dos indivíduos, ao colocar que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 11).

Por meio do estudo dessa obra, pode-se afirmar que o Fabiano é uma metáfora que representa um indivíduo excluído da sociedade. Assim, um indivíduo que não consegue se adaptar aos padrões da sociedade é como se não existisse para o mundo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Teoria da cultura de massa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Teoria estética.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ARAÚJO, H. H. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira:** do pitoresco à realização inventiva. Revista Letras (Curitiba), v. 74, p. 119-132, 2008.

ARISTÓTELES. **Arte poética e arte retórica.** Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1986. p. 19.

AUERBACH, Erich. **Mimesis:** a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini. São Paulo: Editora FUCITEC, 1988.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CANDIDO, Antonio e outros. **A personagem de ficção**. A personagem do Romance. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 7.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

\_\_\_\_\_\_\_\_. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, 197 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** A identidade em questão. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro: Record, 1981.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In. CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.